

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 22 DE JUNHO DE 1862.

N. 7.

## A ANDORINHA PERDIDA.

**O** vento n'este valle. Sua superficie liza como crystal, tocando as nuvens, e nas bordas descalçam-se os troncos nus dos salgueiros enxada de uma ponte parida o teto da choupana miseravel e o fumo e gigantesco castello do senhor d'aquellas terras.

O vento n'este valle com terror e em suas ditas agudas leva por diante os flocos alvos da neve que cabe. Na pouca luz do inverno pade-se a morte da natureza.

O campanario do templo, as torres do castello feudal, a palha das choupanas, os troncos nus e as pedras estão cobertas d'aquella escura lousa resplandecente, como um lençol que se estende até o cemiterio; e aqui e ali deixo ver cruzes bordadas de flores brancas, e manuscritos, cujas inscrições estão entrecortadas na neve.

Nenhum objecto mais fere a vista do homem. Tudo é monotonia; tudo é repouso; a vida desceza n'esta estação, hiberna-se por mezes, para se rejuvenecer reaparecer como nova e bella creação.

Aquelles canteiros ornados de flores; aquelle pastor verdadeiro sobre qual brava a sua claridade alba, e hoje um pedaço de sua montanha, sobre o qual o peso fúnebre deita profundas quebras nas direções que brava.

Tudo quanto de vida se abstrahia, e a vida enfraquece no estio e no inverno. Vem a natureza pedir de baixa de sua colheita afvealima.

Semelhante ao somno do poeta, o inverno é um ceo caesão onde nem nuvens fantasticas; nem rubor da aurora, nem estrellas carastem lyras de anonozosa diapenteia.

Dorme a natureza inteira sob aquelle ceo escuro; agasalha-se turbado sob o vasto branco lençol da neve, e nada a perturba senão as vozes rias do vento leu cortico trazidas através dos montes Scandinavicos acubando por entre os tumulos antigos de deformada estrutura dos Hunos e dos Slavos.

Tudo, Wladimir, Hilda e Scanda em suas tenebrosas e magnificas, as estacoes tinham aquella linguagem. Nas almas entre os vastos pinheirais em nas profundas greves de Kolen, sua voz rima e varonil, quando mandavam os elementos e combatiam as nevas e lanchadas, eram semelhantes as assembléas de reunião do redemoinho do Mal-traham.

Os seus poemas de guerra e os seus cantos de maldade, do magnifico e as torres do norte, os rios do vale, as vozes de tempestades agudadas e o negro trevo santo das ualvas e dos gelos

que se quebra de encontro as costas do Finmark e da Islandia, são os sons do poema e do mundo guerreiro.

Mas também a santa, serena e melancolica suavidade da luz boreal, o encanto do Marim com suas ilhas e choupanas o canto angosto das muscicetas que amannam no campo seus fillos, e a estreita névoa e pensativa da andorinha no ceo do estio, são suas faladas, sua poesia nostalgica, seus a passos os fados apaixonados d'aquelles horizontes de muscicetas do mouro branco dos pechos com alma de lago e imaginação nascida em ranteiro de flores variadas, enfeitado de uns sons do harpa escita.

Essa poesia que nem tudo descreve, esses sentimentos que não são narrados nem citados, como os bellos, como os exprime bem Ole Bull com o arco magico sobre as cordas em noite nostalgica!

É um genero opposto á poesia das montanhas e das terras do Brazil. Uma alma creada á parte, com pouca luz do sol, e muita melancolia!

(Continua).

## A ESPIA

ou

## O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

por

FREDERIC SOULLIE

A historia que vai ser lida, accoheu algum tempo depois da revolução de Napoles de 1820 a 1821. Se alguma leitora adventarem os verdadeiros nomes das pessoas desta narração, pedimos-lhes que os não escrevam á margem do exemplar que cabir em suas mãos, como temos visto fazer muitas vezes em memorias ou historias contemporaneas, em que o author só por as inimicas.

Era noite, huma noite lanchada e malizada de estrellas, huma linda noite. Huma vaga languida, hum nascente fraco e infinito, e era em huma praia do mar de Napoles. Como locas adormecidas sobre a areia, huma duzia de homens estavam estendidos nella. Hum só estava em pé. Sem duvida vigiava por elles; mas vigiava tambem por outros, pois seu olhar se voltava com inquietação, ás vezes para terra, ás vezes para o mar; porém, nada apparecia em nenhuma das extremidades do horizonte, e este homem em pé era a unico ponto que no polo se oppunha aos olhos. De repente, entre as estrellas que bordavam o ceo por cima do mar, apparece hum fogacho vermelho e sanguinolento,

que accende sobre as ondas hum longo trilho de reflexos, e tem frente desse fimcho, do lado de terra, quasi ao mesmo tempo, se desenhava huma senhora negra e moçoiva. Hum suspiro de saudades escapou do peito de humo que se achava em hum dos que estavam deitados. He disse em voz baixa:

—He o escaler, não, senhor Spaffa?

—He, respondeu este apontando para a mar, acida esta o escaler e ali, acrescentou voltando-se para o lado de terra...

—O marquez, acrescentou o outro.

—Assim o certo, respondeu Spaffa.

A esta palavra — o marquez — todos os que estavam deitados se levantaram a um tempo, e buscarão penetrar com seus olhos avidos a escuridão da noite. A principio se distinguio huma som-taria sem forma, que se admirava para o lugar em que se achava; mas, em breve se pôde conhecer que era hum grupo de algumas pessoas, por hum poderão ser contados: são tres.

—São elles, e murmurarão muitas vozes.

E o senhor Spaffa, tendo levantado o chapéo ao ar, e tendo-lhe sido respondido este signal, adiantou-se para os que chegavam. Teve, todavia, a cautela de se armar com huma pistola e um punhal; pôde ver-se que de ambas as partes se chegavam com cautela. Em pouco os recém-chegados Spaffa estavam entre os que se levantaram a sua chegada. No mesmo instante hum escaler chegou a praia, hum moçoivo saltou delle, e se approximou ao grupo.

—Então, disse elle, já chegaram todos?

—Todos respondeu Spaffa; eis-aqui o marquez Faxiani, a marqueza, e o honrado Jaffarino.

Ab nome da marqueza, o joven marinheiro se descobrio.

—Bem, respondeu este; visto que todos estão promptos, embarquem-nos.

—Ainda não está tudo concluido, disse Spaffa; temos hum ultimo adeos que dar ao marquez.

—Ainda de pressa, respondeu o marinheiro.

Huma pequena hesitação se mostrou então entre o grupo; parecerão consultar-se em voz baixa; e o que primeiro fallára a Spaffa, he disse em tom zangado, e mostrando-lhe o marinheiro:

—Este inglez não pode ser testemunha do que se vai passar.

Imediatamente Spaffa chamou o marinheiro em particular, e o levou a alguns passos do grupo.

—Senhor Henri, he disse elle, a Italia ainda não perdeu todas as suas esperanças de liberdade; bem que para sempre he fallem os seus melhores apoios, porque os que escaparão a força devem morrer nas galés. Mas, ainda restão bastantes para tentar um novo esforço.

O marinheiro abanou a cabeça com ar de incredulidade. Spaffa acrescentou:

Não se deve julgar o futuro pelo que tentamos. Napoles não teve coragem para sustentar o que empreendeu, mas comprehendeu-o; acredita-me, he muito para um povo esmagado pela escravidão. E de mais, a liberdade não pôde ser conquistada em hum dia. Parece-me que os Italianos estão em frente de seus mestres, como os Russos diante dos soldados de Carlos XII; he preciso que gastem muita sanque para aprender a liberdade, como os Russos para aprender a guerra; mas elles a aprenderão; e em vo-lo juro, os povos serão tão valentes contra a tyrannia, como os Russos o foram contra a conquista.

—Deos vos ouça, respondeu o marinheiro; mas não vos esqueçais de que o marquez he humo victima promettida, o que podem perceber-se de sua evasão.

—Jaffarino, o carcereiro devia tomar todas as cautelas necessarias, respondeu Spaffa.

—Assim o certo, respondeu sir Henri; mas Faxiani deve estar a bordo de minha fragata antes de huma hora. Salvando hum prescripto politico em um navio do almirantado, certamente me comprometto, e o rei de Napoles tera direito de queixar-se com justiça.

—Não deveis dizer que o encontrastes no mar perdido em uma embarcação?

—Sem duvida, arranjarei esse conto, bem ou mal; mas para isso he preciso não esperar o alto dia, para chegar a bordo quando toda a equipagem estiver no convoz.

—Pois bem, disse Spaffa, afastai-vos por alguns minutos; temos que confiar a Faxiani o segredo de nossas esperanças e as da Italia. Não vos offendas por esta postergação; he natural e justa em honras que tem soffrido tão odiosas trações. Será negocio de alguns minutos.

—Como quizerdes, respondeu sir Henri, que entrou logo no escaler, e se afastou da praia.

Logo que chegou a distancia que podera ouvir o que se dizia, Spaffa fez signal aos homens que se chegassem, e estes formaram logo hum circulo em roda de Faxiani e sua mulher que embrihada em um copete, e coberta a cabeça com um voço, estava tremulo junto de seu marido. Jaffarino se confundio entre os que formavam o circulo; Spaffa ficou no centro, e foi elle, que fallou.

—Marquez de Faxiani, disse, ha muito que Napoles contava contigo; tuns nobres ideas sobre a liberdade; teu despreso dos favores da corte, tinão chamado sobre ti os olhos dos homens do bem; teu valor illustrado em mais de huma occasião, tua immensa fortuna, e teu nome lhes fazião desejar o teu concurso para respôr a multidão que facilmente se deixa seduzir por exemplos vindos do alto; com tudo, tua extrema mocidade, tua aliança com as familias mais servis do reino, refreão nossa confiança. A adopção que o meu benefactor, o conde de Pellico, fez de ti, dando-te sua filha, foi para nós a garantia mais formal de que tu eras digno de nos comprehender.

Neste momento a voz de Spaffa, grave e sollemne ás primeiras palavras, se tornou quasi tremula, e ao mesmo tempo soluços mal comprimidos se escaparão do peito da marqueza.

—Favilla, he disse docemente a seu marido, não chores assim; nós vingaremos.

—Deixa-a chorar, marquez, disse Spaffa. Depois, voltando-se para a joven senhora, acrescentou; chora, e deffinai-vos, senhora, por ter perdido o pai mais digno das lagrimas de huma filha; posto que estejais entre homens que ligarão sua vida a huma obra de sangue e vingança, aquellos que chorarão nelle o mais o ardente e corajoso amigo da liberdade, comprehenderão vossa dor. Os tyrannos o dependurarão em huma forca, e derão seu corpo de pasto aos corvos; mas, não poderão cortar a vida secreta com qua elle animou a Italia assim como matará; a sua não poderão dispersar o centro poderoso a que elle prendeu os seus fiéis filhos como dispersarão seu cadaver; seu pensamento he sobreviver, e he a este que queremos associar aquelle, que elle escolheu por seu herdeiro.

Houve um movimento de silencio, em que todos os olhos ficaram fixos sobre a desgraçada Filavilla, Spoffa continuou, então

(Continua.)

## Sympathia.

(PAGINAS ROMANTICAS.)

Vivia em Pariz, em 1832, um mancebo chamado Heitor Lecomte, que o céu havia accumulado com todos os seus dons. Bonito, rico, de um caracter amavel, de maneiras elegantes; seu espirito, de tom-bera superior, era muito cultivado; mas o que o distinguia sobre tudo era uma força invencivel que o fazia caminhar como um santo pela senda da virtude, guiado, através dos perigos, tanto infernos como externos, por principios fixos, que elle havia disposto como baliza em sua vida. Entretanto, com todas essas vantagens, Heitor não era feliz. Sem duvida vos admirareis: Como! direis, que lhe faltava pois?

-- Eis ahí o que são juizos irreflectidos dos homens! Disse-vos eu acaso que Heitor tinha coração de bronze? Se eu tivesse acrescentado isso, razão terieis para admirar vos de que não fosse feliz. Mas, ah! bem longe estava elle de se-lo: tinha o coração mais terno e mais activo que jámais conteve peito de homem: tinha a alma mais delicada e mais elevada que jámais fez voltar dous olhos pretos para o Céu. Era daquelles que habitam as ultimas summidades em que se confundem a realidade e o ideal, que são pouco numerosas e nunca contraheem más alianças.

Heitor Lecomte vivia em Pariz na melhor companhia. Como devia acontecer a um homem de sua fortuna, de seu talento e de seus gostos. Tomava sua parte nos classicos prazeres da capital, sem excesso, cumprindo um dever, e não deixando jámais suspeitar sua indiferença. Tinha muito bom senso para saber que se não devem desdenhar os prazeres em meio dos quaes vivemos; dançava no baile, applaudia no espetáculo e nunca bocejava quando uma mãe lhe fazia o elogio de sua filha; esta ultima condescendencia era tanto mais

meretoria, porque as mortificações deste genero eram frequentes e prolongadas. Assim Heitor era no mundo o que deve ser qualquer homem galante: obsequioso, discreto e não meditador. Mal haja quem medita nas companhias! Esse é o flagello dos prazeres! Faza-nos Deus a graça do riso nos logares em que nos reunimos para isso. Se eu acreditára agora em meu enthusiasmo, faria aqui uma bella tirada contra os meditadores de salão, especie de Antonys ridiculos, cerebros cavados, que parecem ter posto toda sua ambição em parecer mortalmente aborrecidos. . . . Se elles soubessem como são enfadonhos! . . . . Mas passemos adiante.

Se Heitor não meditava nas companhias, indemnizava-se amplamente em sua casa. No silencio de seu aposento, á hora em que Pariz se cala, encostava-se á sua secretaria de trabalho e levantando sua alma para o futuro, invocava imagens de que não tinha visto os modelos nas reuniões donde sahia; no meio desse povo de fantasmas escolhia uma, retinha-a em seu coração e votava-lhe seu amor, esse amor que nenhum ente criado havia ainda inspirado, que era nobre e solitario e que necessitava poesia para revelar-se! Então pegava em uma penna, escrevia versos em uma folha arrancada de seu album e quando acabava de traduzir sua meditação, atirava com a folha, sem tornal-a a ler, para dentro de uma gaveta, que fechava com chave.

O inverno de 1832 a 1833 passou-se assim e quando voltaram os bellos dias, as folhas do album estavam esgotadas. Heitor pensou então em relel-as e achou que tinha composto sem pensal-o uma serie de obras primorosas. Sua modesta não lhe prometteu a principio conhece-l-o; mas tornando a lel-as e cotejando-as com as poesias de que tinha noticia, acabou por confessar que as suas valiam a pena de ser publicadas. Publicou-as. Em toda a França ouviu-se um brado de admiração; o céu da poesia contava uma estrella de mais. O livro de Heitor Lecomte passou os mares.

Faremos outro tanto. Vamos entreter-nos de uma personagem sem a qual não levariamos esta historia a bom fim.

Vivia então em Pondichery uma moça chamada Virginia Kohler, filha de um rico negociante alemão, estabelecido na Índia, e de uma hespanhola de Sevilha, morta havia alguns annos. Virginia reunia em si os caracteres distinctivos das duas nações. enjo sangue corria em suas veias. Tinha a elevação, a melancolia, o encanto profundo e suave de Allemanha; o fogo os contornos atrevidos, a compleição flexivel, o tom calido da Andaluzia. Seus cabellos eram castanhos, sua testa alva, como o mais puro alabastro, desenvolvida e cheia de pensamentos, suas sobrancelhas eram castanhas como seus cabellos, as pestanas pretas e compridas, seus olhos . . . aqui me falta a palheta de Murillo e o pincel de Raphael . . . Isto vos parecerá um pouco subtil; e reflecti, e vos convenceréis que é exactissimo; quero dizer que seus olhos eram de hespanhola, brilhantes como os de um anjo; sua duplicada origem havia produzido essa effusão sublime do que ha mais ardente na terra e de mais puro no ceu. Sua boca era como seus olhos. Que direi do resto? Nada mais se não que tinha um pé de sylphide, um pé de Andaluza, enfim, leitor, faço muito boa idéa de vós para suppor que preciséis saber mais.

(Continua.)

## POESIA.

### PAGINA INTIMA.

Já houve um tempo de venturas cheio  
 Todo d'encanto, e delicias mil,  
 Em que meu peito mil desejos tinha  
 Cheio d'amer n'um delirar febril.

Então apenas do viver as flores  
 Desabrochavão das paixões ao sol;  
 Então sorria-me a ventura leda,  
 Como a natura cores do arrebol.

Então amava de deidade uns olhos  
 Que me cegavão--doce luz d'amor!  
 Então fruía divinas carícias  
 Doces encantos da paixão no ardor

Então meus sonhos, povoados d'anjos  
 Cheios de imagens, ledos de fulgor  
 Me levavão da illusão nas azas  
 Por ceos infindos cheio de langor

Mas desses gozos esgotei bem cedo  
 O doce nectar do viver na taça:  
 O mundo deu-me seu deserer, seus males  
 Deu-me amarguras bem cruel desgraça.

Entre os tormentos em que vão meus dias  
 E'meu alivio na tristeza agora  
 Lembrar momentos d'um viver mais ledo  
 Lembrar venturas que frui out'ora.

*Elysio.*

### ANEDOCTA.

Contendendo um christão com um judeu sobre qual era o maior numero de Santos, se o da lei antiga-se o da lei da graça, apostaram, ajustando-se a que por cada Santo que alternativamente nomeassem, arrancariao um cabello da Barba. «Abraão, começou o judeu, e logo arrancou um cabello da barba ao christão. --S. Pedro e S. Paulo, disse o christão, e arrancou deus cabellos da barba ao judeu.--Os tres meninos da fornalha, e arrancou tres cabellos.--Santa Ursula e as onze mil virgens, chamou então o christão: e lançando rapidamente as mãos aos grandes bigodes do judeu lhos deixou todos escorendo em sangue.

### CHARADA.

Seu filho do Pandope, e entre os deuses  
 Tocou-me, a pesar meu, laixo logar,  
 E por isso não posso ao claro Olympo  
 Subir, e entre os deuses me assontar.-- 1

Entre os genios notaveis, de que a Grecia  
 Se orgulhou, fui out'ora um palradôr;  
 Compuz assaz de satyras mordazes,  
 Em que do vicio fui duro censor.-- 2

Certo o primeiro em mim entrada teve,  
 Pois consagrado fui sem excepção  
 A'quelles, cujo sangue era divino,  
 De Horacio e de Virgilio em a nação.

Typographia Catharinense  
 de Germano Antonio Maria Avulim. Rua Augusta  
 N. 23. — 1862.